

DAS CINZAS DA DECEPÇÃO, A ESPERANÇA RENASCE COM MAIOR FORÇA



Com grande alegria, representei a Comissão Justiça e Paz e a Congregação Romana de São Domingos (CRSD) na COP30, em Belém do Pará, juntamente com a delegação da Família Dominicana, composta por 38 participantes provenientes de 11 países: Honduras, Argentina, Bolívia, Peru, Brasil, Catalunha, Nigéria, Benim, Filipinas e Albânia: Fr. Aniedi Okure, representante da Ordem na ONU – Genebra, Fr. José Ricardo Villalta Useda, Promotor de Justiça e Paz da América Central, Enkeleda Papa, diretora de projetos da Dominicans International, Representantes da Fraternidade Leiga Dominicana, Religiosas de diversos ramos da Família Dominicana.



Ficamos hospedados no Seminário Dom Oscar Romero, na Reserva Chico Mendes, imersos na natureza amazônica e participando de momentos de integração, como visitas ao Espaço Chico Mendes, ao Museu da Amazônia com a exposição de Sebastião Salgado, e ao evento “Mulheres Inspiradoras”, que destacou iniciativas de reciclagem para produção artesanal geradora de renda.

Enfrentamos desafios práticos: a tenda franciscana prevista para a zona verde da COP não foi instalada, o que dificultou nosso acompanhamento das atividades oficiais, e nem todos conseguiram acesso à zona azul, onde ocorriam as negociações climáticas.

No dia 12 de novembro, participamos da barqueata de abertura da Cúpula dos Povos, com mais de 200 embarcações e a presença de lideranças indígenas como o cacique Raoni, denunciando o desmatamento e a pressão do agronegócio sobre seus territórios. No mesmo dia, no Simpósio da Igreja Católica, reuniram-se líderes religiosos e socioambientais, e a programação foi encerrada com procissão e missa na Basílica de Nazaré.



Em 15 de novembro, marchamos na Marcha Mundial pelo Clima, com cerca de 70 mil pessoas nas ruas de Belém, clamando pelo fim dos combustíveis fósseis e denunciando projetos poluentes e injustos. A frase “Nós somos a solução” ecoou ao longo da caminhada, manifestando nossa convicção de que a transformação deve partir das comunidades.



No entanto, ao final, a decepção prevaleceu: reivindicações urgentes — como mais financiamento climático por parte dos países ricos e um acordo para eliminar os combustíveis fósseis — não foram refletidas de modo contundente no documento final da COP. Mesmo assim, houve progressos significativos: o Pacote Belém aprovou o compromisso de triplicar os recursos para adaptação climática até 2035, definiu um Roteiro de Adaptação para o período 2026–2028 e estabeleceu 59 indicadores voluntários para monitorar o progresso.

Também foi apresentado o Mapa do Caminho de Baku a Belém, que prevê a mobilização de pelo menos US\$ 1,3 trilhão por ano até 2035 para países em desenvolvimento, por meio de cinco frentes de ação focadas em financiamento inovador, equidade e melhoria de acesso.

A COP30 aproximou o regime climático da vida concreta das pessoas, com a participação inédita de cerca de 900 representantes dos povos indígenas no espaço oficial — em parte em consequência da pressão popular e do protesto. No entanto, ficou claro que a justiça climática exige mais que acordos diplomáticos: é necessária uma transformação profunda em nossos estilos de vida e no modelo econômico vigente.



Uma das grandes lições que levo de Belém é que adaptação não é caridade, mas um direito humano — comunidades vulneráveis merecem condições dignas para enfrentar os impactos da crise climática. E, apesar dos avanços, não podemos nos acomodar: é urgente manter uma inquietação ética e agir na prática, adotando estilos de vida mais simples, consumo responsável e solidariedade entre povos. A solução está em nós — e depende das escolhas que fazemos a cada dia. Penso que estamos no

caminho certo e me sinto em paz, porque, em nossas comunidades, já praticamos valores que promovem a ecologia integral. Acreditamos que tudo está interligado e que é urgente cuidar de nossa casa comum.

